

# O GRUPO DE AFINIDADE ANARQUISTA

O termo **grupo de afinidade** é de origem espanhola, e era a forma de organização de base da famosa Federação Anarquista Ibérica (F.A.I.) antes do franquismo (A F.A.I. era composta dos militantes mais idealistas da C.N.T., esse gigantesco sindicato anarcosindicalista). Uma cega imitação das formas de organização e dos métodos da F.A.I. dos anos trinta, não é hoje possível nem desejável. Os anarquistas espanhóis desse tempo confrontavam-se com problemas sociais muito diferentes daqueles que se deparam aos anarquistas americanos actualmente. No entanto, o grupo de afinidade possui características e qualidades adaptáveis a qualquer situação social, e tem sido aplicado intuitivamente por radicais americanos sob nomes diversos, como «Colectividades», «Comunidades» ou «Familias».

O grupo de afinidade pode ser encarado como um novo tipo de família alargada, em que os laços tradicionais são substituídos por mais profundas relações humanas, alimentadas por ideias e uma prática revolucionária comum. Muito antes da palavra **tribo** ter ganho popularidade na contracultura americana, os anarquistas espanhóis chamavam já aos seus congressos «assembleias de tribos». Cada grupo de afinidade é deliberadamente um pequeno grupo, para permitir o maior grau possível de intimidade entre os seus componentes. Praticando a autonomia, a comunidade e a democracia directa, o grupo combina o aprofundamento da teoria revolucionária, com um «estilo de vida» revolucionário do quotidiano. Ele cria um livre espaço no qual os homens podem manter e desenvolver a sua individualidade, e ser simultaneamente um **sér social**.

Os grupos de afinidade definem-se como **catalizadores** do movimento popular, não como **vanguardas**; eles suscitam iniciativa e consciência, e nunca um novo «estado maior» ou uma nova fonte de «comandos». Os grupos proliferam a um nível molecular e têm o seu próprio «movimento Browniano». Que eles actuem isoladamente ou em conjunto, é uma questão que decorre das situações vividas e nunca uma determinação burocrática vinda de um «centro» distante. Numa situação de repressão política, os grupos mostram-se altamente eficazes à infiltração policial. Devido à intimidade entre os seus membros, os grupos são uma estrutura difícil de infiltrar, e se por acaso essa infiltração tem lugar, o espião pouco consegue saber do que é o movimento no seu conjunto. Sob qualquer situação, o grupo pode sempre manter contacto com os demais, através de periódicos e publicações.

Por outro lado, em períodos de grande actividade, nada impede os grupos de afinidade de trabalharem em conjunto, na escala requerida pela situação concreta. Eles podem facilmente federar-se em assembleias locais, regionais ou nacionais, para formular uma política comum, ou criar temporariamente Comitês de acção (como em França, em 1968), para coordenar certas tarefas específicas. De qualquer modo, os grupos de afinidade estão permanentemente «engrenados» no movimento popular. A sua lealdade destina-se às estruturas criadas pelo povo revolucionário, nunca a uma burocracia impessoal. Como resultado da sua autonomia e do seu localismo, os grupos são capazes de uma apreciação muito sensível das possibilidades existentes em cada nova situação. Essencialmente experimentais e diversos no «estilo de vida» próprio, eles podem estimular positivamente outros grupos, e o movimento no seu conjunto. Cada grupo tenta encontrar sozinho os recursos materiais de que necessita, e

funcionar unicamente sobre eles. O grupo é como um corpo vivo, feito de conhecimento e experiência, capaz de escapar, pelo menos parcialmente, às limitações psicológicas impostas pela sociedade burguesa ao desenvolvimento da personalidade individual. Cada grupo — como um núcleo de consciência e de experiência — tenta fazer avançar o movimento revolucionário espontâneo do povo em direcção àquele ponto de ruptura onde o grupo pode finalmente diluir-se nas formas sociais orgânicas criadas pela revolução. (...)

Murray Bookchin

(in «Post-Scarcity Anarchism»)

Em períodos de clandestinidade e de perseguições extremas, que eram frequentes e às vezes se prolongavam durante anos e anos, os grupos de afinidade eram mais eficientes do que os sindicatos profissionais, porque mais difíceis de localizar, e eram eles então quem se encarregava das múltiplas tarefas de defesa, defesa que muitas vezes equivalia a ataque, a ofensiva, como quando se iniciou a resistência contra o pistoleirismo dos «Sindicatos livres». O exercício desta acção defensiva e ofensiva dos grupos, criou, ao prolongar-se no tempo, uma série de reflexos condicionados, como diria Pavlov, uma mentalidade combativa e heroica que impressionou pela sua audácia as massas sindicais impossibilitadas de viver à luz do dia e talvez amedrontadas pela cruza da repressão. Esses grupos foram-se multiplicando pelas exigências da situação política e, em fins de 1923, constituía-se na Catalunha um comité regional de relações para os congregar, coordenar a sua acção e o apoio mútuo; constituíram esse comité de relações Aurelio Fernandez, Antonio Pera, Sebastian Clará e Ricardo Sanz.

A Federação Anarquista Ibérica fundou-se em Valencia, a 24 e 25 de Junho de 1927, formalizando-se assim o acordo de agrupamentos estabelecido em França, e dali havia actuado nos primeiros anos da ditadura, infiltrando elementos em Espanha para distintas missões. Ela foi então um organismo de defesa do movimento, que se encontrava impossibilitado de actuar à luz do dia. Não surgiu para controlar a C.N.T.; surgiu para conseguir que a C.N.T. voltasse a ter uma expressão pública colectiva; quando não se tratava de uma estreita colaboração, tratava-se então de tarefas específicas de luta que não tinham lugar em discussões de grandes assembleias, nem exigiam uma execução de tipo colectivo, sindical. Quando a vida pública dos sindicatos era possível, as organizações operárias resolviam directamente os seus problemas, e os grupos da F.A.I. entregavam-se então à propagação, edição de periódicos, folhetos, livros, à organização de actos públicos sobre os mais variados temas. O deplorável foi que os momentos de normalização e de calma foram demasiado breves; nos anos da República, houve que combinar essas tarefas de propagação das ideias com as da defesa do direito sindical, e a FAI nunca regateou esforços nem sacrifícios, ao ponto de se converter em legenda, em paradigma de rigor e de audácia. (...)

Diego Abad de Santillán

(in «Contribución a la Historia del Movimiento Obrero Español», 1971.)

Da mesma maneira que os sindicatos haviam organizado as suas comissões e secções para as questões que poderíamos chamar externas, também para as questões internas se deviam organizar os elementos activos e seguros. Assim foi decidido e assim se organizaram os grupos de afinidade (...)

Só uma situação de alta gravidade poderia obrigar os homens da C.N.T. a agrupar-se entre si, no seio da mesma. E ao agrupar-se desta maneira, não o fizeram simplesmente como sindicalistas, mas igualmente como condenados à morte. Posteriormente, falou-se com demasiada ligeireza do «grupismo» no seio da C.N.T. Os que o fizeram tinham certamente esquecido até que ponto o «grupismo» lhes tinha salvo a vida. (...)

Os grupos anarquistas, em pleno combate e sem abrandar a luta, tinham procedido a uma reestruturação na Catalunha, formando os seus comités dos grupos de bairro no plano local, comités de concelho no plano municipal, e de região no plano regional. Sem hierarquias, sem chefes, sem mentores, com uma disciplina voluntariamente aceite e respeitada dado que emanava de acordos livremente discutidos em reuniões, cada grupo ia cumprindo a sua missão. Os comités de relações eram os encarregados de pôr os grupos em comunicação uns com os outros. As reuniões onde se estabeleciam os acordos eram clandestinas, a todos os escalões, e dependia das circunstâncias que elas fossem mais ou menos restritas. Regra geral, estas reuniões celebravam-se ao ar livre, na montanha, num bosque, quando havia muita gente e o tempo o permitia. As reuniões de delegados de grupos ou de comités apareciam sómente os companheiros designados de antemão, onde defendiam as decisões e acordos estabelecidos em cada núcleo. (...)

Entre os grupos de recente formação se constituiu um, a fins de 1922, denominado «Los Solidarios».

O grupo «Los Solidarios» veio juntar-se aos outros que já havia em Barcelona. Todos os seus componentes eram jovens, nenhum ultrapassava os 25 anos. Para além de isso, o grupo era heterogéneo, isto é, os seus componentes eram originários de diferentes regiões de Espanha. Com o andar do tempo, o grupo «Los Solidarios», pelo seu dinamismo e actividade, conseguiu criar á sua volta um belo clima de simpatia (...)

Damos a seguir a lista dos componentes dos «Solidarios», bem como dos seus colaboradores directos, para se ter uma ideia da composição e alcance do mesmo:

Francisco Ascaso, criado de café; Buenaventura Durruti, mecânico ajustador; Juan Garcia Oliver, criado de café; Rafael Torres Escartin, pasteleiro; Aurelio Fernandez, mecânico; Ricardo Sanz, operário têxtil; Alfonso Miguel, marceneiro; Gregorio Suberviela, mecânico; Eusebio Brau, fundidor de metais; Manuel Campos, carpinteiro; Miguel Garcia Vivancos, condutor; Antonio «El Toto», jornalista; Maria Luisa Tejedor, modista; Julia Lopez Mainar, cozinheira; Pepita Not, cozinheira; Ramona Berni, tecedeira.

Colaboradores directos: Jaime Palau, Adolfo Ballano Bueno, Maria Riús, Hilario Esteban, Antonio Boada, Pablo Martin, Joaquín Blanco, Antonio Pérez (de Valencia), Antonio Badlle, Paulino Sosa, Antonio Martin, C. Flores, Mas, Enrique, e outros mais (...)

O panorama económico não podia ser mais deplorável. Os últimos acontecimentos, já citados, de Manresa, San Sebastian e La Coruña, demonstravam ao grupo que não se podia continuar a actuar por falta de recursos económicos. Encarado o problema friamente, os «Solidarios» só encontraram uma solução possível: **ir buscar os meios económicos necessários para a sua livre actividade, lá onde estes se encontravam.**

A partir de então, criou-se uma Caixa colectiva do grupo. E assim se resolveu definitivamente o problema económico do grupo que nunca mais sofreu de penúria, pois sabia onde encontrar o necessário. (...)

Nos últimos dias de agosto de 1923 a maior parte dos componentes do grupo «Los Solidarios» encontrava-se nas Asturias. A 1

de Setembro é assaltado o Banco de Espanha em Gijón.

No assalto ao banco não houve qualquer vítima, mas, dias depois, a guarda civil cercava alguns dos participantes ao assalto em Oviedo, travando-se tiroteio no qual foi morto Eusebio Brau, membro dos «Solidarios», e feito prisioneiro Rafael Torres Escartin, do mesmo grupo. Detido Torres Escartin, foi este acusado de participação no roubo do banco e, além disso, da morte à bala do cardenal Soldevilla, de Saragossa.

O morto, Eusebio Brau, jamais foi identificado pela policia. A sua mãe, que vivia em Barcelona, foi visitada pelos companheiros de Brau que a puzeram ao corrente do acontecido. Como esta senhora era viúva e tinha para cima de 50 anos, o grupo resolveu pôr-lhe um lugar de venda no mercado de Pueblo Nuevo, bairro de sua residência, assegurando-se a subsistência desta pobre mãe dilacerada de dor.

O grupo dos «Solidarios» trabalhava desde há muito na preparação da acção revolucionária. Provas? Em outubro de 1923, apenas um mês depois da sublevação militar, e por mediação de um tal Zulueta de Mondragon, os «Solidarios» compraram 1.000 espingardas de repetição e 200.000 cartuchos á fábrica Garate y Anita, de Eibar. Por uma tal encomenda o grupo «Los Solidarios» pagou a soma de 250.000 pesetas.

Já antes os «Solidarios» tinham comprado no bairro de Pueblo Nuevo, em Barcelona, uma fundição de ferro que custou 300.000 pesetas. Ai, clandestinamente, se fundiam os corpos das granadas que deviam ser utilizadas no momento da revolução. O encarregado deste trabalho era Eusebio Brau. O grupo constituiu também um depósito de granadas de mão no bairro de Pueblo Seco em Barcelona, o qual continha — quando foi descoberto pela policia — mais de 6.000 granadas.

As armas procediam geralmente de compras feitas em França e na Bélgica. Todas entravam em Espanha clandestinamente, em geral pela fronteira de Puigcerda. Ai contava o grupo com dois companheiros que estavam em relação com dois outros, residentes em Font-Romeu (em França), igualmente colaboradores do grupo, que eram os encarregados de guardar em depósito as armas adquiridas em França e na Bélgica até serem introduzidas em Espanha. Um chamava-se Mas e o outro Enrique.

Outros envios eram feitos por mar. A compra das armas era feita directamente por membros do grupo. Ao principio, estas operações realizavam-se com certa facilidade dado que uma boa parte dos componentes do grupo não eram ainda conhecidos da policia nem constavam dos seus ficheiros.

Os «Solidarios» tinham como linha de conduta a de tomar a precaução absoluta de jamais comunicar a quem quer que fosse assuntos considerados internos. Só estavam ao corrente de um assunto as pessoas que deviam intervir nele.

Como já se disse, no grupo não havia chefes, nem mentores, nem dirigentes. Cada um dos seus membros desempenhava a sua acção pessoal sempre que não se tratava de uma missão colectiva do grupo.

No aspecto cultural isto é, na propagação e difusão das ideias acratas, os «Solidarios» não regateavam esforços. Já antes da ditadura de Primo de Rivera existia o projecto, em acordo com os anarquistas franceses, de algo fazer no terreno intelectual e cultural em Paris.

Esse projecto realizou-se tal como estava previsto. Em 1924 constituiu-se em Paris um grupo internacional de edições anarquistas. Organizou-se uma livraria internacional, com domicilio na rue Petit, n.º 14, á frente da qual se encontrava como administrador Severino Ferandel. Anexa á livraria forma-se a Enciclopédia Anarquista, dirigida por Sebastien Faure. Além disso, o mesmo grupo editava a Revista Internacional e outros periódicos.

Escusado será dizer que esta obra custou várias centenas de milhares de pesetas, dinheiro que foi integralmente avançado pelo grupo «Los Solidarios». Em Espanha, o grupo possuía tipografias e editores á sua disposição,

os quais publicavam jornais e mesmo folhetos clandestinos. Tudo isto foi feito no meio da maior reserva e discreção, motivo porque nunca aconteceu nada de grave.

Também os «Solidarios» contavam com um advogado em Barcelona, que se ocupava de todos os assuntos e processos dos seus componentes, e que nunca passou factura dos seus honorários. Tratava-se do Dr. Juan Rusñol, de uma família de juristas catalães e que era considerado como um dos mais hábeis defensores do foro de Barcelona. (...)

A 24 de fevereiro de 1924, por ordem expressa do ministério do Interior de Madrid, são assassinados em Barcelona pela policia secreta do Estado os anarquistas Gregorio Suberviela e Manuel Campos, ambos do grupo «Los Solidarios». Suberviela fazia parte do comité revolucionário criado em Barcelona por separatistas, cónstetistas e anarquistas com fins anti-ditatoriais. (...)

Assim se deu o caso de, na data em que o rei Alfonso XIII chegava a Paris, seis dos componentes do grupo dos «Solidarios» se encontrarem na capital da França.

Na véspera desta chegada, foram detidos pela policia francesa Francisco Ascaso, Buenaventura Durruti e Gregorio Jover, cada uns dos quais levava consigo uma pistola. (...)

O julgamento de Ascaso, Durruti e Jover em França foi, na realidade, o processo da ditadura de Primo de Rivera. Tal processo alcançou uma ressonância mundial. Falar de Ascaso, Durruti ou Jover em qualquer reunião de descontentes, de protesto, ou em comício publico, era o suficiente para pôr ao rubro a multidão.

Ascaso e Durruti eram já bem conhecidos nos meios sindicais e revolucionários de Espanha. Jover, era-o no Sindicato da Construção Civil de Barcelona. E a partir de então os «Solidarios» passaram a considerá-lo como um dos membros do grupo. (...)

Tratada a questão na primeira reunião do grupo depois da implantação da República, chegou-se á decisão de que o grupo se chamaria daí em diante «Nosotros».

O grupo «Nosotros» ficou assim composto pelos seguintes companheiros: Francisco Ascaso, Buenaventura Durruti, Juan Garcia Oliver, Rafael Torres Escartin, Aurelio Fernandez, Ricardo Sanz, Gregorio Jover, Antonio Ortiz, Julia López Mainar, Pepita Not, Ramona Berni e Maria Luisa Tejedor. Colaboradores directos: Adolfo Ballano Bueno, Paulino Colet e Jaime Palau.

A segunda actuação destes companheiros na nova época do anarquismo, sob o nome de «Nosotros», foi idêntica á anterior. Em relação aos «Solidarios» só havia uma variante: a experiência do passado, bem como a nova situação criada ao anarquismo pela mudança de regime político. (...)

A última vez em que o grupo «Nosotros» se reuniu ao completo, foi diante do quartel de Atarazanas. (...)

A reunião foi breve mas animada. Durruti no seu verdadeiro papel de combatente, Ascaso e Garcia Oliver com as pistolas metralhadoras nas mãos quase em sangue, apesar dos trapos com que envolviam as armas ao rubro. Ricardo Sanz, com um sacco de granadas que ia enviando, uma após outra, contra os sitiados. Aurelio Fernandez, Antonio Ortiz e Gregorio Jover, cumprindo o seu dever de autênticos revolucionários.

Houve uma pausa, algo de anormal. «Paco!» — disse alguém. Nem um tiro, nem uma explosão, nada. «Como?» «Que dizes?» —

«Sim, acabam de matar Ascaso.» (...)

Porventura o maior erro que cometeu o grupo «Nosotros», foi o de se desagregar: Durruti saiu á frente da primeira coluna em direcção a Saragossa; Ricardo Sanz, responsável da organização das milicias no quartel de Pedralbes; Garcia Oliver, responsável da Coluna «Los Agulluchos»; Gregorio Jover, responsável da Coluna «Ascaso»; Antonio Ortiz, da Coluna que foi para o Sul de Aragão; Aurelio Fernandez, responsável da secção de investigação do Comité Central de Milicias Antifascistas da Catalunha. (...)

Ricardo Sanz

(in «El Sindicalismo y la Política», 1966.)

No que toca ao movimento libertário, a resistência interior nunca se apagou. No fim da segunda guerra mundial, ela foi reforçada pelos camaradas que tinham lutado com os aliados, e queriam agora continuar a resistência em grupos independentes. Eles atravessaram a fronteira, retomaram contacto com os camaradas do interior e atacaram-se ao regime fazendo sabotagens em centrais eléctricas, na industria e no sistema bancário. Eles atravessaram mil vezes a fronteira ridicularizando assim a guarda fronteiriça. Por vezes, deram-se escaramuças contra a guarda civil. (...)

Sempre houve companheiros bastante apaixonados e em número suficiente para criar um grupo. E como a força destes residia na sua solidariedade e na sua afinidade, eles não contactavam novas pessoas salvo em ocasiões de perdas graves. (...)

Um grupo compunha-se em média de seis pessoas, e nunca ia além de doze. (...)

Não havia chefes no nosso movimento. Num grupo, cada homem era o seu próprio chefe, e ninguém tomava uma decisão sem o consentimento de todos. Se o grupo tinha necessidade de se fazer representar, a pessoa escolhida era apenas um delegado, e a sua única autoridade consistia no facto de executar as decisões sobre as quais os membros do grupo se tinham acordado. (...)

Todas as decisões eram discutidas a fundo antes de serem postas em execução, de forma a que cada um pudesse exprimir completamente a sua opinião; e acabava-se por se tomar a decisão mais apropriada e mais sensata, como é lógico. Nas questões que exigiam mais profunda reflexão, em casos específicos de circunstancias imprevisíveis, o indivíduo agia então de sua própria iniciativa. Sempre se fez assim. Cada membro do grupo sabe o que tem a fazer, e quando o deve fazer. São homens resolutos, com uma grande experiência da luta. Cada um utiliza os conhecimentos que lhe são próprios em beneficio do grupo, sem por isso se atribuir uma importância particular. Nesta sociedade, a maior parte das pessoas acha normal que aquele que possui um conhecimento ou uma faculdade especial, a explore, e dela tire dinheiro ou prestigio, e é-lhes porventura difícil compreender a espontaneidade e a liberdade de espirito dos métodos libertários. Nós somos todos irmãos de uma mesma família, e a nossa pátria é a humanidade inteira. (...)

Miguel Garcia

(in «22 Ans dans les Prisons françaises», 1973.)

